

**Apresentação do livro Ninguém é de Ninguém por Rogério Reis.
Co-edição Edições de Janeiro e Olhavê. Rio, 2015.**

Faixa de areia

Pelas manhãs observo o mar para revalidar os limites da cidade. Piso na areia da praia onde banhistas, salva-vidas, atletas, vendedores, namorados, batedores de carteiras, policiais, crianças e velhos fazem a cena. Gosto da crônica urbana.

A estratégia do “momento decisivo” do Cartier Bresson volta a fluir. São olhares que me antecedem. Sou o paparazzi dos anônimos: visor rápido em linha direta com a intuição e os sentidos, apesar do desconforto dos novos aplicativos da câmera digital que não me deixam errar.

As tarjas utilizadas pela imprensa para proteger a identidade dos menores e suspeitos me remetem ao humor provocante do americano John Baldessari e dos primeiros mascaramentos com círculos flutuantes do artista e professor da Bauhaus, Lászlo Moholy-Nagy (The Olly and Dolly Sisters, 1925).

Liza, minha filha, disse que “um indivíduo com venda nos olhos perde o poder de revidar o olhar, de produzir semelhanças e correspondências”.

Podemos nos divertir com uma sociedade que criou a propriedade da imagem no espaço público.

Rogério Reis.